



Niemeyer e Costa: dois gênios



A primeira visita do General Lott (óculos escuros) a Brasília



Portugal: primeiro Embaixador em Brasília

Brasília parou, Niemeyer fala na Câmara

A Comissão do Distrito Federal convocou Oscar Niemeyer para debater o futuro da nova capital. O arquiteto compareceu, respondeu a perguntas e teve o cuidado de fazer um depoimento sobre suas intenções em Brasília, as dificuldades encontradas para construir a cidade. Naquela época, a capital já estava transferida, a questão era como consolidá-la. E o seguinte, na íntegra, o depoimento do arquiteto.

Senhores deputados, é com agrado que compareço diante desta Comissão para prestar informações sobre problemas de arquitetura de Brasília. Cidade que ajudamos Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro a construir com o melhor do nosso esforço, lutando contra o tempo, as distâncias imensas, a falta de estradas, lutando, inclusive, contra a oposição apaixonada dos que combatiam o Governo e o empreendimento.

Agrade-me, particularmente, sentir que os sacrifícios e desconfortos não foram em vão, que Brasília, além do que significa para nós, brasileiros, desperta em todo o mundo, permitam-me dizê-lo, um interesse extraordinário, como demonstra a Exposição da Nova Capital, inaugurada agora em Paris por André Malraux, iniciativa exclusiva dos centros culturais e artísticos da França.

Agrade-me, ainda, ver-nos reunidos nesta Câmara, empenhados em resolver os problemas desta cidade, conscientes de que a Nova Capital está irreversivelmente fixada e que cumpre dotá-la dos complementos indispensáveis às suas funções humanas e administrativas.

Como sabemos, Brasília é uma cidade em construção, e isso justifica e explica — para os que conhecem o seu plano urbanístico — uma série de contradições e deficiências, que se adicionam a outras possivelmente de nossa competência, pois foi com inteira liberdade que realizamos nossos trabalhos.

CIDADES-SATÉLITES

Mas, se Brasília apresenta problemas e deficiências, constata-se, nos mesmos, Senhores Deputados, uma gradação de valores insofismáveis, que representa em Brasília a falta de conforto que algumas habitações possam oferecer, a falta de parques e jardins, de cinemas e teatros, de centros de diversão e cultura, que os mais favorecidos com tanta razão reclamam, diante dos que reclamam apenas o teto, o pão e a terra que também lhes deveriam pertencer? Que representam essas deficiências tão incômodas para a burguesia habituada ao luxo, às festas e diversões das grandes cidades, diante dos que sofrem, dos nossos velhos e dignos companheiros que com tanta humildade construíram esta Capital e hoje a vêem de longe, largados nessas incriveis cidades-satélites, nesses amontoados de barracos das cidades-dormitórios, depois de cinco anos de sacrifícios, que nada lhes deixaram, a não ser a pobreza que os oprime e avilta?

Que foi feito, Senhores Deputados, para corrigir tanta injustiça? Quando o Plano Piloto de Lúcio Costa indicava a solução certa com a integração de todos os habitantes de Brasília, inclusive dos trabalhadores nas quadras de habitação coletiva, para que juntos seus filhos nelas pudessem crescer e se formar, equilibrando assim o triste contraste que seus lares oferecem. Que foi feito para humanizar esta Capital, termo usado com tanta frequência e levandade? O que vemos e nos constringe é a desvirtuação dos objetivos básicos do empreendimento, o êxodo entusiasmado de populares de todos os recantos para a Nova Capital, ansiosos de melhores condições de vida e, agora, aqui acampados, em completo abandono, sentindo que para eles Brasília foi um sonho frustrado, sentindo, já revoltados, que os palácios, as casas, escolas e clubes que construíram nunca lhes

pertenceram e que chegou o momento de se unirem para traçar seu próprio destino.

O que vemos é a discriminação em progresso, com uma imposição de regime capitalista, ocupando as quadras de habitação, o comércio, as margens do Lago etc., transformando Brasília numa cidade como todas as outras desta Nação e como todas as outras injustas e contraditórias. Eis, Senhores Deputados, o que lhes desejava lembrar, a fim de que esta reunião não se perca em detalhes menores que V. Ex.^{as}, como representantes do povo, saberão desprezar, encaminhando as discussões para os problemas essenciais dos que sofrem e têm fome e com razão se revoltam, reclamando do Governo as reformas de base.

PROBLEMA DA HABITAÇÃO

O problema da habitação, em Brasília, tem de atender aos reclamos de uma cidade moderna, na base do urbanismo. A moradia dos proletários tem de ser estudada na base das habitações coletivas, e as casas residenciais para os mais abastados, ou apartamentos de luxo, ou casas com terreno separado. Todos os projetos que fizemos para a classe trabalhadora foram sempre na base da habitação coletiva. Para as habitações dos operários, tomamos como base o urbanismo contemporâneo; numa área enorme, cada casa tem seu pequeno jardim, atendidos os serviços comuns de luz, água. Portanto, é coisa conhecida essa parte da habitação coletiva para o operariado. Nesse sentido fizemos um estudo.

Perdoe-me dizer que tudo fizemos, que temos feito muito desde que a Capital se inaugurou. Mas, desse dia em diante, Brasília parou completamente. Não é culpa de ninguém. Todos os prefeitos têm servido à Prefeitura com o maior espírito público e boa vontade, sempre voltados para os interesses desta cidade. Mas há uma série de fatores que os têm impossibilitado de trabalhar. Por exemplo, o projeto que lhes vou mostrar já foi apresentado no tempo do Prefeito Paulo de Tarso, homem que trabalhou com a melhor boa vontade e interesse de atender aos problemas da Prefeitura; mas não teve verba e não pôde fazer nada, como ocorreu com os que lhe seguiram.

A ideia, então, é estudar um tipo de habitação coletiva, uma habitação mínima, constituída de uma sala, um banheiro, um kitchenete e uma área livre que, depois, o morador poderia dividir em dois ou três quartos. Essa residência, então, era construída como coisa completa, com divisões sanitárias. Era uma coisa absolutamente pré-fabricada e podia até ser organizada uma sociedade que transportasse esses tipos de moradia para o terreno ou local necessários.

Esse tipo de solução prestava-se a uma urbanização no sentido horizontal e, também, no sentido vertical. A mesma solução podia ser adotada no sentido horizontal, far-se-ia em altura, com dois, três ou quatro pavimentos. Trata-se de uma unidade, um elemento único que podia ser construído a preço baixo, pesava 25 toneladas e podia ser utilizado como convém neste tipo de urbanização, em soluções horizontais e verticais. Foi tudo estudado, e chegamos a esta solução: cada teto de uma casa passava a ser o jardim da outra. Tinha até um sentido diferente, uma das coisas que faltam na habitação moderna. Cada casa tinha seu jardim próprio. Foi apresentado isso, inclusive depois que o Prefeito Paulo de Tarso saiu, ao Sr. Sette Câmara, que está agindo, vendo se consegue executar. Apareceu finalmente um dos representantes do Banco Interamericano. Tive contatos com esse senhor, mas desisti, porque vi que era impossível, pois davam o dinheiro, mas queriam orientar a construção. Não queriam habitação coletiva, porque acho que têm medo de juntar vinte pessoas. Então, foi uma luta enorme, e consegui do Prefeito Sette Câmara

fazer um estudo, pedindo que pelo menos 30% das unidades fossem utilizadas em habitações coletivas. Assim, a urbanização se faria em termos modernos e seria uma coisa decente.

Tive muito empenho em realizar o plano essencial de Brasília, que é de habitações coletivas. Mas a cidade está se desvirtuando com favelas que invadem toda a sua área. Para corrigir isso já temos um plano. Mas a este também faltaram, sem culpa de ninguém, elementos de trabalho, dinheiro para levar adiante o empreendimento.

ESPIRITO DO PLANO

Além da questão da habitação coletiva, ficou então o problema de manter na cidade o espírito que o plano de Lúcio Costa estabelecia: que a cidade fosse executada sem discriminação de todos os seus habitantes.

As margens do Lago, por exemplo, no projeto, foram reservadas aos serviços comuns. Mas, pouco a pouco, os clubes burgueses foram ocupando a área toda. Não somos contra os clubes, mas achamos que o homem que trabalha tem de ter um meio de distração, um clube que possa frequentar. E esses clubes são completamente proibitivos, constituem hoje verdadeiras máquinas de fazer dinheiro. Trata-se de uma inversão da indústria imobiliária. Assim, as quotas para esses clubes custam Cr\$ 500.000,00, e o operário não

tem possibilidade de participar deles. Fiz um estudo de um clube operário. Apresentei-o ao Prefeito Paulo de Tarso, que se interessou, mas também não teve dinheiro. Apresentei-o agora ao Prefeito Ivo Magalhães e ao Sr. Darci Ribeiro, homem entusiasmado, interessado. Parece que há uma possibilidade de fazer um clube operário-estudantil. Será um clube de fácil acesso, com um restaurante, uma piscina grande, um teatro ao ar livre, a sede, e a parte de esportes, de futebol e campo treinamento. É um clube onde as famílias operárias podem ir, com o mesmo direito que cabe a todos os outros que frequentam os clubes grã-finos. Foi, como disse, entregue ao Dr. Darci Ribeiro, e o Presidente João Goulart está interessado na sua execução. É outro problema pelo qual acho que esta comissão deveria interessar-se, porque não há razão para o operário só ter de trabalhar e depois pegar o ônibus e ir para o fim da cidade meter-se no barraco em que mora.

INTERESSE POPULAR

Outro assunto que também podia ser tratado é o Estádio de Brasília, cuja realização julgo de grande importância. O esporte é de interesse popular. Também fizemos um estudo sobre isso. Estudamos um estádio para 60 mil pessoas, como uma concha, que pode servir para futebol e também para música e teatro, coisas de interesse popular. Isso enriqueceria a cidade. Teria quadras de tênis, basquete, escola de educação física, num local

amplo, também com apartamentos para os que vêm de fora e precisam de alojamento. Também o projeto foi feito no tempo do Prefeito Sette Câmara, a quem o apresentei. Mas, não dispondo de meios, não pôde executá-lo. Agora, o Prefeito Ivo Magalhães, se está interessando pelo assunto. Quanto à parte de diversões, fizemos o que nos era possível. Estamos dependendo de providências que não nos competem. São questões de dinheiro.

As quadras de habitação que foram projetadas pelo Lúcio Costa são a complementação. Esta é indispensável. Não basta fazer o bloco de apartamentos, mas é preciso dar-lhe os complementos indispensáveis: o clube, a escola, o mercado, a igreja, enfim, tudo isso que justifica a habitação coletiva. Dos clubes de unidade-vizinhança, só foi feito um. Também eram necessárias providências nesse sentido. Entreguei à Prefeitura um desenho, coisa pré-fabricada, que pudesse ser feita em grande quantidade para ser espalhada pela cidade, porque sentia ser isso indispensável. Mas, pelos mesmos motivos, isso não foi feito.

CRÍTICAS JUSTAS

Há ainda a questão dos Ministérios. As vezes, é fácil fazer críticas, em Brasília. Estou cansado de responder a elas e, às vezes, fico até um pouco nervoso. As críticas, entretanto, são justas. Nos Ministérios, é difícil trabalhar, porque há a questão do sol. Tenho dado todas as explicações, mas não têm sido

divulgadas. Tinham sido estudados uns vidros especiais, sem proteção nenhuma, mas, a pressa da inauguração da cidade, tínhamos de proteger os ministérios de qualquer maneira. A única maneira de fazê-lo, em tempo útil, foi colocando aquelas cortinas. Isso foi feito, sabendo-se que era trabalho perdido. Já temos estudadas as proteções externas contra o sol, para os blocos dos ministérios.

É justo que se queixem do sol nos ministérios, mas também já esgotamos nossas possibilidades de explicar. Quanto aos Ministérios da Justiça e Exterior, os projetos todos estão feitos há três anos, e, se não foram construídos, também a culpa não é minha, nem do Prefeito de Brasília, mas dessa situação que sofremos, de não haver meios. Para mostrar que, quando há boa vontade, os trabalhos andam, aí está a Universidade de Brasília, que Darci Ribeiro está fazendo. Convido a Comissão a ver as condições. São construções pré-fabricadas, feitas de acordo com a técnica atual, rápidas e econômicas. Já fizemos muita coisa. Estamos construindo o Laboratório de Física, com mais de setecentos metros de comprimento, e a Universidade está trabalhando. É muito útil ir ver, para sentir que esse processo que estamos aplicando lá não foi possível em Brasília, porque a indústria de construções não tinha tido tempo de aparelhar-se.

Era o que eu queria explicar, e estou pronto a responder qualquer pergunta.

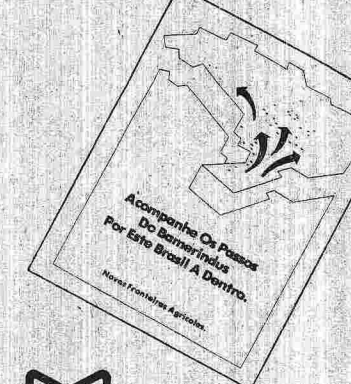
Veio da terra, sim, senhor. É o amigo do agricultor.



Arou e colheu os grãos. Financiou o comércio, cooperativas, indústrias. Engordou muito gado. Acompanhou o grito do aboiado, abrindo estrada no meio da mata, nova trilha para os imigrantes de hoje.

Faz tanto tempo ele está lá, que o povo todo comenta: este é o banco da nossa terra, que cresce com os pés no chão.

É Bamerindus, meu irmão.



Jornal de Brasília

EXPEDIENTE

Editor: André Gustavo Strump
Diagramação: Aírton Maia
Coordenador Comercial: José Aírton Monteiro



ORGANIZAÇÃO
JAIME CÂMARA